

# Brasil terá empréstimo de até US\$ 1 bi dos credores

São Paulo — O presidente do Citicorp, John Reed, admitiu ontem que o grupo dos bancos credores privados deverá emprestar entre US\$ 500 milhões e US\$ bilhão de dinheiro novo ao Brasil, para que o país possa oferecer as garantias necessárias nesta primeira etapa da renegociação da dívida de US\$ 42 bilhões com os bancos credores privados (as garantias são recursos a serem depositados escalonadamente pelo país em forma de título do Tesouro norte-americano). "As garantias deverão somar de US\$ 2 bilhões a US\$ 4 bilhões e o Brasil não tem todo o dinheiro na mesa agora", explicou Reed, ressaltando que, segundo a equipe econômica, o País tem mais ou menos US\$ 1 bilhão junto ao FMI e ao Banco Mundial e as reservas brasileiras são bastante voláteis (de mercado financeiro), o que

impossibilita o lastreamento para empréstimos de longo prazo.

Reed disse que a reunião em Brasília, na última terça-feira, com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e o presidente do Comitê assessor dos bancos credores, William Rhodes, foi justamente para tentar saber de onde sairá o dinheiro para as garantias. "A situação é a seguinte: há fundos limitados do FMI, reservas limitadas e dinheiro novo limitado dos bancos privados. Acho que chegaremos a uma solução em três ou quatro semanas, mas é difícil saber os cálculos porque dependerá da resposta de cada um dos bancos credores", acrescentou a chairman do Citicorp, ressaltando que o "problema hoje é só de matemática".

"A diferença em relação ao acordo do México, por exemplo, é que os mexicanos tinham mais re-

ursos por terem assinado um Extended Fund Facility com o FMI", explicou ele. O acordo brasileiro assinado com o FMI é stand by, ou seja, prevê uma revisão de três em três meses, enquanto o acordo mexicano é revisto a cada três anos. "Estou aqui para resolver como o Citi vai responder às garantias. Nossa decisão, como maior credor e como chefe do comitê assessor, terá importância psicológica na decisão dos outros bancos.

Ele não escondeu que veio passar quatro dias no Brasil — volta para Nova Iorque hoje — para saber como anda a economia e os resultados da política econômica. Reed disse que volta com uma impressão positiva da nova equipe, da política econômica, das melhoras na taxa de inflação e do avanço do trabalho do Governo junto ao Congresso.